

VIVÊNCIAS ARTÍSTICAS DE UMA FARMACÊUTICA: A ARTE E SUAS INTERFACES

NATHALIE DE LOURDES SOUZA DEWULF¹

Resumo: A arte está presente em nosso cotidiano de diversas formas e nem sempre a percebemos. Com o objetivo de discutir algumas interfaces que a arte possui em nosso cotidiano, foi realizada a exposição “Vivência artística de uma farmacêutica: a arte e suas interfaces”, que, por meio de quadros que abordassem os temas, foram apresentadas ideias e discussões por meio de textos expostos junto aos quadros, que compilados, resultaram neste artigo. A arte realiza interfaces com diversas áreas, como a educação, podendo proporcionar o desenvolvimento de valores, gosto pelo trabalho e habilidades com a linguagem, além do desenvolvimento do pensamento crítico. Pensamento este necessário para ciência, sendo esta uma das relações que a arte tem potencial em realizar, podendo também se apresentar de forma complementar. Em relação ao paciente, a arte possui diversas formas de se relacionar, promovendo o bem estar ou mesmo fazendo parte do processo de cura. Além de poder ser uma ferramenta para facilitar a discussão ou auxiliar na prática da humanização do atendimento ao paciente. Assim, observa-se que a arte está presente em nosso cotidiano, de diferentes formas essenciais.

Palavras-chave: Arte, Educação, Saúde, Humanização.

Abstract: The art is present in our daily lives in many ways and not always realized. In order to discuss some arts and interfaces in our daily lives, the exhibition was held: “Artistic Experience of a Pharmaceutical: the art and their interfaces,” which were presented by tables that addressed the issues, ideas and discussions, were presented through texts exposed along the boards, that compiled resulted in this article. Art performs interfaces with several areas, such as education, can lead to both values, like the work and

¹ Faculdade de Farmácia da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, Goiás, Brasil. Professora Doutora da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal de Goiás. E-mail: nlsdewulf@ufg.br

skills with the language, and the development of critical thinking. Which is necessary to science, one relations that art has the potential to perform, and can also be presented in a complementary way. In relation to the patient, the art has many ways of relating, promoting wellness or even part of the healing process. In addition, one relation is to being a tool to facilitate discussion or assist in the humanization practice of patient care. Thus, it is observed that art is present in our daily lives, in different essential shapes.

Keywords: Art, Education, Health, Humanization.

INTRODUÇÃO

*Tudo que é verdadeiro deve se transformar,
e somente o que se transforma permanece
verdadeiro.*

C. G. Jung

A arte está presente em no cotidiano de diversas formas e nem sempre é percebida. Ela pode ser observada em diferentes etapas, tanto como no início de alguns projetos, considerando o processo de criação, como na composição de atitudes e vivências dos indivíduos. A arte também pode encontrar-se inserida no cotidiano de forma estética, ou ainda formativa. Assim, a arte pode apresentar-se no cotidiano em diversas interfaces, dialogando com a educação e a formação, proporcionando o desenvolvimento da criatividade, da transmissão de ideias e pensamentos, bem como auxiliando no autoconhecimento e no bem estar do ser humano.

Porém, quando se fala em arte em suas diversas interfaces, deve-se contextualizar e compreender o que é chamado de *arte*. Esta é uma tarefa difícil, pois diversos são os conceitos e contextos em que ela é interpretada. Para alguns, a arte pode ser entendida como a compreensão do trabalho realizado e a relatividade da beleza estética (GOMBRICH, 1999). Em outros casos, a arte é conceituada como “expressão” e, desta forma, além da forma estética, considera-se também a subjetividade, a influência do psíquico e do imaginário do indivíduo (READ, 2001). Ainda, a arte pode ser considerada como a captação permanente do *movimento*, do *gosto*, e das *ideias* da época (CIORNAI, 2004). Dentro dos diferentes conceitos de arte existentes e pela diversidade de vivências que tive a oportunidade de experimentar, utilizo, como base para discussão, o conceito mais amplo, que Read (2001) e Ciornai (2004) apresentam.

DESENVOLVIMENTO E REFLEXÕES

Perante as diversas possibilidades de interface que a arte pode proporcionar, este texto tem a intenção de trazer à luz, discussões acerca da arte e suas relações, apresentadas por meio da exposição “Vivência artística de uma farmacêutica: a arte e suas interfaces”, resultado do projeto de extensão realizado de 01 à 18 de abril de 2008 na Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo (FCFRP-USP). Assim, pude apresentar outra forma de produção que desenvolvi ao longo de meu envolvimento com a arte e com a ciência, e considerando o contexto em que estou inserida. Apresentarei algumas das inúmeras reflexões possíveis acerca da relação da arte com a educação, com a terapia e com a ciência.

Talvez o início haja sido o dia em que minha mãe permitiu-me pintar a parede da garagem com cores extraídas de folhas, flores ou qualquer outro material, que me proporcionassem uma imagem, uma expressão. Desta forma, havia a liberdade de expressão, porém, aprendendo a respeitar delimitações de espaço. Nas escolas, tive a oportunidade de trabalhar com diferentes formas de arte. Porém, as aulas especificamente de pintura iniciaram aos 12 anos de idade, obtendo a formação básica com o artista plástico Israel de Tarso, em Pouso Alegre-MG. Assim, o meu primeiro quadro foi o “Eu quero uma casa no campo” (Imagem 1). Continuei os meus estudos em Ribeirão Preto-SP, com a artista plástica Luciane Strambi Frenhi (Ane Frenhi), com a qual, em uma segunda etapa, iniciou-se um trabalho maior de criação (Imagem 2). Portanto, a relação da arte com a educação foi um tema sempre presente ao longo de minha vida.

A arte associada à educação demonstra-se essencial na infância e no decorrer de toda a vida adulta do ser humano. A arte poderá contribuir de forma individual e coletiva, principalmente em três diferentes frentes. Primeiramente, na valorização do *trabalho*: a arte é expressão do espírito e por meio do desenvolvimento de aspectos subjetivos e da imaginação, o indivíduo poderá aprender o significado da satisfação e do prazer no trabalho. Além disso, a arte significa *linguagem*, uma vez que o estudo da arte também auxilia na coordenação da expressão sob a forma requerida de linguagem. A arte também significa *valores*, pois trabalha com o passado e o presente, trazendo à discussão os valores obtidos a partir dos fatos ocorridos e dos esforços humanos. Considerando-se que a arte envolve também a emoção do indivíduo, o aprendizado de todos esses aspectos é essencialmente assimilado (NAEA, 2007; NATHAN, 2008; READ, 2001).



Imagem 1: Título “Eu quero uma casa no campo”, autoria de Nathalie Dewulf, com técnica de Acrílico sobre tela, tamanho original 40x30cm, ano de produção 1991.

Fonte: autor.



Imagem 2: Título “Presente de liberdade”, autoria de Nathalie Dewulf, com técnica de Acrílico sobre tela, tamanho original 80X60cm, ano de produção 2003.

Fonte: autor.

Para fins de um breve resgate cultural, registro uma viagem realizada à Bélgica, país de origem de meus ascendentes, em 1997. Em visita ao museu “*In Flanders Fields Museum*”, pude perceber uma das íntimas relações da arte com o sofrimento. A papoula tornou-se símbolo da I Guerra Mundial devido ao

poema “*In Flanders Fields*” (1915) escrito por John McCrae (1872 - 1918). McCrae foi oficial médico e escreveu o poema em homenagem ao amigo e aluno que morreu no campo de batalha (In Flanders Fields Museum, 2008). O combate ocorria em campos repletos de papoilas, característicos da Bélgica, e todo esse cenário ficou registrado no poema. Assim, a arte, por meio do poema, mantém vivo o fato e nos mantém conscientes de nossa história (Imagem 3).

In Flanders Fields

*In Flanders fields the poppies blow
Between the crosses, row on row,
That mark our place; and in the sky
The larks, still bravely singing, fly
Scarce heard amid the guns below.

We are the Dead. Short days ago
We lived, felt dawn, saw sunset glow
Loved and were loved, and now we lie
In Flanders fields.

Take up our quarrel with the foe:
To you from failing hands, we throw
The torch—Be yours to hold it high!
If ye break faith with us who die
We shall not sleep, though poppies grow
In Flanders fields.”*

John McCrae

Nos campos de Flandres

*Nos campos de Flandres
as papoilas estão florescendo entre as cruces
que em fileiras e mais fileiras assinalam
nosso lugar; no céu as cotovias voam
e continuam a cantar heroicamente,
e mal se ouve o seu canto entre os tiros cá em baixo.

Somos os mortos... Ainda há poucos dias, vivos,
ah! nós amávamos, nós éramos amados;
sentíamos a aurora e víamos o poente
a rebrilhar, e agora eis-nos todos deitados
nos campos de Flandres.

Continuai a lutar contra o nosso inimigo;
nossa mão vacilante atira-vos o archote:
mantende-o no alto. Que, se a nossa fé trairdes,
nós, que morremos, não poderemos dormir,
ainda mesmo que floresçam as papoilas
nos campos de Flandres.*



Imagem 3: Título “Flanders fields”, autoria de Nathalie Dewulf, com técnica de Acrílico sobre tela, tamanho original 120X60cm, ano de produção 2003.

Fonte: Autor.

Dependendo de nossas crenças e de nossa formação, é possível interpretar um mesmo fato de diferentes formas. Olhar os fatos por diversos ângulos pode nos ajudar a perceber outras verdades ou a adquirir novos conhecimentos. Ainda em reflexão ao poema “*In Flanders Fields*” e ao fato histórico relacionado, o desenho “*Ypres*” (cidade na Bélgica) (Imagem 4), baseado em uma foto tirada durante o curso de fotografia com o Prof. Carlos de Araújo Arantes (USP, Campus Ribeirão Preto), tem esta representação. Na imagem, pode-se observar a lateral do Portal de Menin, memorial construído em homenagem aos soldados britânicos e aos colaboradores que lutaram na I Guerra Mundial e que não possuem túmulo conhecido. No entanto, além do portal, podemos distinguir dois elementos: uma pequena parte da cidade de Ypres, e a muralha que ainda hoje cerca a cidade, e nos remete à época medieval, período de grande prosperidade da cidade.

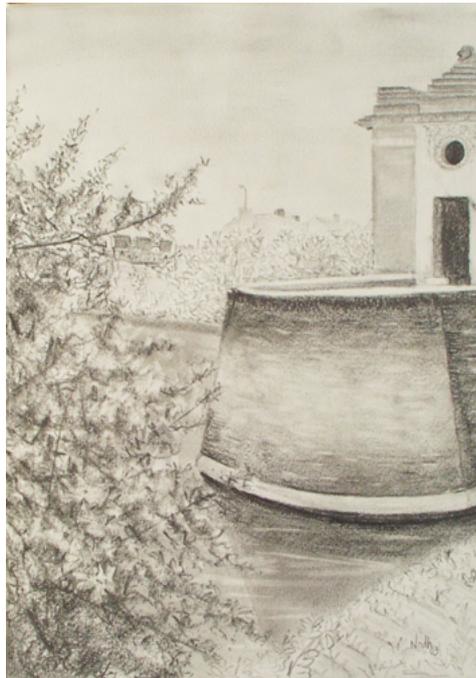


Imagem 4: Título “Portal de Menin”, autoria de Nathalie Dewulf, com técnica de Grafite sobre papel canson, tamanho original 21X30cm, ano de produção 2003.

Fonte: autor.

Foram então, surgindo experiências que, junto com o conhecimento, permite desfrutar as diferenças e as descobertas. Segundo Saviani (2004, p. 69), “A arte propicia esta abertura para o experimento, o qual o profissional não deverá permitir que se perca e, ao mesmo tempo, deve tirar proveito e valorizar cada momento: é um despertar de possibilidades”. Após a realização do curso de “cores” com Anne Frenhi, surgiu a flor “Brincando com as cores”

(Imagem 5), em que foram aplicadas, entre outros, o conceito de “composição das cores” e o de “cores complementares”.



Imagem 5: Título “Brincando com as cores”, autoria de Nathalie Dewulf, com técnica de Acrílico sobre papel canson, tamanho original 16X24cm, ano de produção 2004.

Fonte: autor.

Cada indivíduo é diferente, possui características únicas, provenientes de suas heranças genéticas e de suas vivências. Essas características representam um grande valor tanto para o próprio indivíduo como para a comunidade em que está inserido. Esta singularidade na forma de ver, pensar, inventar, pode constituir um benefício para a humanidade. Porém, isolada, pode perder sua capacidade de transformação. Assim, percebe-se a importância de se valorizar as diferenças de cada indivíduo, contudo sem se prescindir da integração, ou seja, da reconciliação entre a singularidade individual e a unidade social (READ, 2001; SAVIANI, 2004). Nesse contexto, trago uma experiência de trabalho em equipe, que viabilizou a conciliação entre o meu ser e a unidade social.

O trabalho em equipe permite otimizar a realização de uma tarefa, por meio da administração de diferentes competências. O mosaico “Homenagem ao matrimônio”, elaborado a esse fim, foi confeccionada a duas mãos,

juntamente com a artesã Sthell Campos. O mosaico foi criado com base em uma tradição belga, a de se registrar datas importantes em pratos de cerâmica. O desenho base para o mosaico com a imagem de Nossa Senhora de Fátima está representado na Imagem 6, enquanto a obra final está na Imagem 7.



Imagem 6: Esboço de “Homenagem ao matrimônio”, autoria de Nathalie Dewulf, com técnica de Grafite em madeira, tamanho original de 25cm de raio, ano de produção 2006.

Fonte: Autor.



Imagem 7: Título “Homenagem ao matrimônio”, autoria de Nathalie Dewulf e Stell Campos, com técnica de Mosaico, tamanho original 25cm de raio, ano de produção 2006.

Fonte: Autor.

Em outro momento, deparei-me com a arte terapia. O primeiro contato ocorreu na Oficina de Bonecas com a psicopedagoga Lilian de Almeida Pereira B. Sá. Esta prática utiliza uma abordagem terapêutica fundamentada na Pedagogia Waldorf, que foi elaborada pelo filósofo austríaco Rudolf Steiner (1861-1925). Segundo Ciornai (2004, p.9):

...arte terapeutas funcionam como guias, facilitadores e companheiros de busca, sugerindo experimentos que possam ajudar e revelar realidades interiores e descobrir novos caminhos e direções, acreditando que as pessoas podem ser agentes da própria saúde e de seus processos de crescimento, encontrando sentidos que lhes sejam pessoalmente relevantes e significativos em seus trabalhos e criações.

A arteterapia pode seguir diversas escolas, como a escola Gestalt e a filosofia de Rudolf Steiner, como também seguir um dos processos de compreensão do subconsciente descrito por Carl Gustav Jung (1875-1961). No Brasil, a arteterapia possui um grande marco: 1946, ano em que a psiquiatra Nise da Silveira (1906-1999) fundou a Seção de Terapêutica Ocupacional no antigo Centro Psiquiátrico Nacional (Rio de Janeiro-RJ) e começou a inserir a arteterapia no tratamento dos pacientes psiquiátricos (MUSEU DE IMAGENS DO INCONSCIENTE, 2008; PHILIPPINI, 2004).

Uma das técnicas bastante utilizada pelo psiquiatra suíço Carl G. Jung era a mandala. Em sânscrito, “mandala” significa “centro”, “circunferência” ou “círculo”. Jung associava a mandala com o *Self*, o centro da personalidade como o todo. Acreditava que, pelo uso da mandala, desenvolviam-se o impulso natural para vivenciarmos nosso potencial, e o padrão da nossa personalidade integral. Assim, o *arquétipo*, meios de expressão de uma realidade universal, de ordem, de integração e de plenitude psíquica, ao serem expressos e contados, produzem efeitos profundos que induzem a experiências transformadoras e até a autocura (FINCHER, 1991; MOACANIN, 1986). A mandala pode ser usada como apoio visual para se atingir estados mentais desejáveis. Na Europa, algumas catedrais góticas trazem-na à entrada, como um labirinto circular desenhado nos ladrilhos do piso. Estas mandalas em forma de labirinto representaria a peregrinação à cidade santa de Jerusalém (FINCHER, 1991; MOACANIN, 1986). Assim, veio a série de mandalas, uma delas representada pela Imagem 8.



Imagem 8: Título “Labirinto país”, autoria de Nathalie Dewulf, com técnica de Acrílico sobre tela, tamanho original 40X40cm, ano de produção 2004. Fonte: Autor.

Resgatando a singularidade do indivíduo, trago a imagem “As cores do ciclo da sociedade” (Imagem 9). Esta é uma imagem que idealiza a relação social entre as pessoas. Cada indivíduo possui semelhanças, porém, possuem também características únicas, suas cores que não se repetem em nenhum outro no quadro. Apesar disso, convivem de forma harmônica e unida. Segundo a psicopedagoga Lílian A. P. B. de Sá, esta imagem esteve presente em seu pensamento, durante a elaboração do texto “O sagrado na educação” que posteriormente foi publicado no jornal “Peregrino das letras: Informação, Cultura e Livre Expressão”. A imagem foi-lhe cedida para a ilustração do texto.



Imagem 9: Título “As cores do ciclo da sociedade”, autoria de Nathalie Dewulf, com técnica de Acrílico aquarelado sobre tela, tamanho original 20X20cm, ano de produção 2006. Fonte: Autor.

A arte, mesmo que por simples manifestações, é capaz de mudar a qualidade da estadia de um paciente no ambiente hospitalar. Como exemplo, relato brevemente a experiência ocorrida durante a internação de um familiar. No início da internação, a abordagem do tratamento pelos profissionais de saúde tinha como foco apenas a doença. A partir do momento em que um pequeno elemento, um porta-retratos com a pintura “Lavanda” (Imagem 10) foi colocado no quarto, a abordagem passou a incluir e a resgatar um aspecto da história pessoal da paciente, o que nitidamente auxiliou em desenvolver o seu bem-estar. O ponto central dos diálogos passou da “doença” ao “indivíduo”, sem detrimento da qualidade dos procedimentos realizados. Neste pequeno exemplo, ressalto o valor da humanização, que segundo o Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar (BRASIL, 2002, p. 12):

...é garantir à palavra a sua dignidade ética. Ou seja, para que o sofrimento humano e as percepções de dor ou de prazer sejam humanizados, é preciso que as palavras que o sujeito expressa sejam reconhecidas pelo outro. É preciso, ainda, que esse sujeito ouça, do outro, palavras de seu reconhecimento. É pela linguagem que fazemos as descobertas de meios pessoais de comunicação com o outro. Sem isso, nos desumanizamos reciprocamente. Em resumo: sem comunicação, não há humanização. A humanização depende da nossa capacidade de falar e de ouvir, depende do diálogo com nossos semelhantes.

Além de auxiliar no tratamento do indivíduo, a arte também pode proporcionar o bem estar do paciente no próprio local de internação, a partir de uma visão humanística. Nesse contexto, podem ser criados espaços propícios para a reflexão e para se estabelecer alianças com a sociedade, por meio de: “brinquedotecas”, bibliotecas circulantes, contadores de histórias, recreacionistas, música, entre outros recursos (MASETI, 2005). Trata-se de um processo importante para o paciente, principalmente considerando-se a experiência da doença, e que a internação é um momento de perda de grande parte de sua autonomia (BRASIL, 2002; VALLADARES; CARVALHO, 2006).

A arte pode ainda facilitar o diálogo da academia com a comunidade, como o projeto que utilizou o cinema para trabalhar temas de saúde e sociedade com professores da rede municipal de ensino (XAVIER et al., 2008). Em outros projetos, a arte facilita a aceitabilidade da informação, como o trabalho realizado pelos “Farmacêuticos Sem Fronteira” que, por meio do teatro e de desenhos feitos pela própria comunidade discute o Uso Racional de Medicamentos (LOUZ, 2006).



Imagem 10: Título “Lavandas”, autoria de Nathalie Dewulf, com técnica de Acrílico aquarelado sobre papel canson, tamanho original 15X20cm, ano de produção 2006.

Fonte: Autor.

Ao longo desses trabalhos, pude observar e perceber como a arte e sua interface com a ciência estão intimamente ligadas a minha profissão. A arte e a ciência podem apresentar diversas formas de relação, tanto como a complementação de conhecimentos, como o desenvolvimento de capacidades subjetivas de criação, de expressão e de crítica. A relação entre a arte e a ciência é histórica, com célebres exemplos de cientistas-artistas ou artistas-cientistas. Leonardo da Vinci (1452-1519) desenvolveu diversos estudos anatômicos, que, por sua vez, auxiliaram-lhe no aprimoramento de seus desenhos (GOMBRICH, 1994). Claude Bernard (1813-1878), grande cientista e dramaturgo, registrou: “A arte sou eu, a ciência somos nós”; deixando, clara, assim, a necessidade do desenvolvimento da capacidade de criação do ser humano para a ciência e a pesquisa (TOBAR; YALOUR, 2002). Ainda, o cirurgião e músico Theodor Billroth (1829-1894), como descrito por Meneghelli (1998), discutiu como o exercício da arte pode complementar o da profissão de cirurgião, exemplificado pelo desenvolvimento das habilidades manuais, além de contribuir na humanização do profissional em sua atuação. Vale ressaltar, aqui, a importância da arte na educação profissional. A sensibilidade desenvolvida pela arte também foi descrita e valorizada no diário de Charles Darwin (1809-1882), como transcritas abaixo (READ, 2001, p. 287).

Até a idade de trinta anos, ou mesmo depois, a poesia de muitos tipos, como as obras de Milton, Gray, Byron, Wordsworth, Coleridge e Shelley, proporcionou-me grande prazer, e ainda como aluno da escola primária eu experimentava imensa alegria com Shakespeare particularmente nas peças históricas. Também já afirmei que, antigamente, a pintura me proporcionava um prazer considerável, a música, um grande prazer. Mas agora, já há muitos anos, não consigo ler uma linha de poesia: ultimamente tentei ler Shakespeare, e achei-o tão intoleravelmente monótono que cheguei a ficar nauseado. Também perdi o gosto pela pintura e pela música (...) Minha mente parece ter-se transformado numa espécie de máquina para triturar as leis gerais de um grande conjunto de fatos, mas não consigo entender por que isto teria causado a atrofia de apenas uma parte do meu cérebro de que dependem os estados mais refinados. Suponho que um homem com uma mente mais organizada ou mais bem constituída que a minha não teria sofrido assim; e, se tivesse de voltar a viver minha vida, eu estabeleceria uma regra para ler poesia e ouvir música pelo menos uma vez por semana; pois talvez as partes do meu cérebro agora atrofiadas tivessem se mantido ativas se tivessem sido usadas. A perda desses gostos é uma perda da felicidade, e possivelmente seja danosa ao intelecto e mais provavelmente ao caráter moral, ao enfraquecer a parte emotiva de nossa natureza.

Jean-Marc Lévy-Leblond, físico e epistemólogo, afirma (MASSARI; MOREIRA; ALMEIDA, 2006):

À ciência falta um componente essencial comum a toda atividade artística e cultural: a dimensão crítica. A ciência, no seu ritmo cada vez mais rápido de publicações, teria pouco tempo para a reflexão crítica interna. Uma etapa crucial da atividade criativa, o movimento de recuo, o tempo do olhar que permite perceber a obra no seu conjunto estaria ausente na ciência contemporânea.

Por fim, apresento a maneira com que expressei artisticamente, o tema central de minha dissertação: a adesão ao tratamento medicamentoso (DEWULF, 2005). Imaginei expressar a necessidade de se realizar a intervenção pelo profissional de saúde, de forma *humanizada*, com o intuito de se obter uma boa adesão ao tratamento medicamentoso, e de transferir o foco no medicamento para o ser humano. Esta crença foi representada na forma da *mão*, a mão do indivíduo que entrega o medicamento ou a mão de quem o recebe (Imagem 11).



Imagem 11: Título “O ser humano é necessário”, autoria de Nathalie Dewulf, com técnica de Acrílico aquarelado sobre papel canson, tamanho original 20X15cm, ano de produção 2005. Fonte: Autor.

Analisando, hoje, minha trajetória, considero que a arte é parte essencial de minha formação pessoal e profissional. Acredito que seja necessário considerar as diferentes possibilidades de interface que a arte pode realizar – com a educação, a saúde (ou a terapia) e a ciência – para a alteração de uma realidade. Diante do conceito de saúde como um estado de *equilíbrio biopsicossocial*, a arte pode claramente auxiliar na promoção e na recuperação da saúde, bem como proporcionar o desenvolvimento da capacidade crítica e humanística. Portanto, a arte deve ser considerada para um melhor tratamento dos pacientes, para o desenvolvimento profissional, seja na formação ou, no autocuidado, bem como para proporcionar o bem estar de todos.

CONCLUSÕES

Com o resultado da exposição “Vivência artística de uma farmacêutica: a arte e suas interfaces” e discussões levantadas, que apresentou algumas das interfaces da arte, pode-se perceber que a arte está realmente presente em nosso cotidiano. A interface com a educação, a ciência, o autoconhecimento e o registro da história, a saúde e a humanização, fortalecem habilidades como a da linguagem, assim como o pensamento crítico. Desta forma, o contato com a arte, em suas mais diferentes formas, deve ser essencialmente estimulado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Comissão de Cultura e Extensão da FCFRP pela realização da exposição e também pelo apoio financeiro prestado pela **American Association of Pharmaceutical Scientists**. Agradeço também ao Prof. Dr. Leonardo Regis Leira Pereira, docente da FCFRP - USP, à Profa. Dra. Monica Freiman de Souza Ramos, docente Faculdade de Farmácia - UFRJ, à minha Professora de pintura, Anne Frenhi, e à psicopedagoga Lílian de Almeida Pereira B. de Sá, pela ajuda na realização desta exposição e contribuições. E agradeço ainda ao Prof. Dr. Luiz Ernesto de Almeida Troncon, docente da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP, meu orientador no mestrado e no doutorado, pelo respeito e apoio ao meu trabalho.

REFERÊNCIAS

- BENEVIDES, R.; PASSOS, E. Humanização na saúde: um novo modismo? *Interface – Comunic, Saúde, Educ*, v.9, n. 17, p. 389-406, mar/ago, 2005.
- BLASCO, P.G.; GALLIAN, D.M.C.; RONCOLETTA, A.F.T.; MORETO, G. Cinema para o Estudante de Medicina: um Recurso Afetivo/Efetivo na Educação Humanística. *Rev. Bras. Educ. Med.*, v. 29, n. 2, p. 119-128, 2005.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. *Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar*. 2. ed. Revista. – Brasília: Ministério da Saúde, 2002. Disponível em: www.humaniza.org.br. acesso em: 2 de outubro de 2007.
- CIORNAI, S. (org.). *Percursos em Arteterapia*. São Paulo: Summus, 2004 (coleção novas buscas em psicoterapia; v.63).
- DEWULF, N. L. S. *Investigação sobre a adesão ao tratamento medicamentoso em pacientes com doenças inflamatórias intestinais*. 2005. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005.
- FINCHER, S.F. *O autoconhecimento através das mandalas: a escolha das técnicas e cores mais adequadas para a criação de uma mandala pessoal*. São Paulo: Pensamento, 1991.
- GOMBRICH, E.H. *A história da arte*. 6ª edição. 1999. LTC-Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. Rio de Janeiro-RJ.
- In Flanders Fields Museum*. Disponível em: <http://www.inflandersfields.be/>. Acessado em: 10 de janeiro de 2008.
- LOUZ, Y. Actions de Pharmaciens Sans Frontière Internacional, un exemple de Cambodge. *Med. Trop.*, n. 66, vol. 6, p. 1-5, 2006.
- MASETI, M. Doutores da Ética da Alegria. *Interface – Comunic, Saúde, Educ*, v.9, n. 17,

p.453-8, mar/ago 2005.

MASSARI, L.; Moreira, I. C.; Almeida, C. Para que um diálogo entre ciência e arte? *História, Ciências, Saúde Manguinhos*, vol. 13, suplemento, p. 7-10, 2006.

MENEGHELLI, U.G. Billroth: cirurgião, histologista, clínico e... músico. *Gastroenterol. Contemporânea*, vol. 2, n. 1, p. 7-14, 1998.

MOACANIN, R. *A psicologia de Jung e o Budismo Tibetano*. São Paulo: Pensamento, 1986. *Museu de Imagens do Inconsciente*. Disponível em: <http://www.museuimagensdoinconsciente.org.br/>. Acessado em: 20 de janeiro de 2008.

NAEA - *National Art Education Association*. Disponível em: <http://www.naea-reston.org>. Acessado em: 11 de dezembro de 2007.

Nathan, L. Why the Arts make sense in education. *Phi Delta Kappan* n. 90, v. 3, p. 177-181, 2008.

PHILIPPINI, A. *Para entender arteterapia: cartografias da coragem*. Rio de Janeiro: Wak, 2004.

READ, H. *A educação pela arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001 (Coleção a).

Reilly, j.m.; Ring, j.; Duke, l. Visual Thinking Strategies: A New Role for Art in Medical Education. *Fam. Med.*, vol. 37, n. 4, p. 250-252, 2005.

SAVIANI, I. Ateliê terapêutico – Encontrarte: viver arte, criar e recriar a vida. In: Ciornai, S. (org.). *Percursos em Arteterapia*. São Paulo: Summus, 2004 (coleção novas buscas em psicoterapia; v.63).

TOBAR, F.; Yalour, M. R. *Como fazer teses em saúde pública: conselhos e idéias para formular projetos e redigir teses e informes de pesquisas*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

VALLADARES, A.C.A.; Carvalho, A.M.P. A arteterapia e o desenvolvimento do comportamento no contexto da hospitalização. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, n. 40, vol. 3, p. 350-355, 2006.

XAVIER, J.J. et al. CINESOCIAL: Uma metodologia inovadora para temas em Saúde e Sociedade. In: 2º Congresso de Extensão Universitária da Unicamp, Campinas, SP, 2008. *Cadernos de Resumos*, Campinas, SP, 2008, p. 128.